

RECENSÃO A *'VIEJOS SON, PERO NO CANSAN'. NOVOS ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO*

J. J. DIAS MARQUES

Universidade do Algarve
Instituto de Estudos de Literatura e Tradição

De 22 a 24 de junho de 2017 realizou-se na Universidade de Coimbra o *V Colóquio Internacional do Romanceiro*. Como o seu nome indica, inscreveu-se na série de congressos sobre este género oral que, iniciada em 1971, em Madrid, parara em 1987, com o IV colóquio, realizado no Puerto de Santa María.

O volume agora em apreço¹ inclui a imensa maioria das comunicações apresentadas a esse congresso. É dedicado à memória do investigador brasileiro da literatura oral, nomeadamente do romanceiro, Braulio do Nascimento (falecido em 2016 e a cuja memória fora já dedicado o colóquio) e também da estudiosa garrettiana e professora da Universidade de Coimbra Ofélia Paiva Monteiro, entretanto falecida, em 2018.

Esta obra, verdadeiramente monumental, tem 824 páginas e inclui um prefácio, dois textos “de abertura” e 41 artigos.

Como é natural, seria impossível, no espaço bastante limitado de uma recensão, dar conta de todos aqueles textos. Assim, limitar-me-ei a apontar, brevemente, o conteúdo de alguns dos estudos que, por motivos de interesse pessoal, mais me atraíram. Que fique claro que o facto de não mencionar outros não é, de modo algum, sinal de os achar com menos valor, até porque um denominador comum aos textos desta obra é precisamente a sua grande qualidade. Espero que esta recensão, ainda que curta, possa mostrar a grande variedade de estudos incluídos na presente coletânea.

¹ Boto, S., Cid, J. A. e Ferré, P. (Coords.) (2020). *Viejos son, pero no cansan. Novos estudos sobre o romanceiro*. com a colaboração de Nicolás Asensio Jiménez e María Helena Santana. Coimbra - Madrid - Faro - Lisboa: FRMP - IUSMP - CIAC - CLP - IELT.

“Escilas y Caribdis en el romancero hispánico y, de nuevo, el *Infante Arnaldos*”, por J. Antonio Cid, um dos artigos da secção “de abertura”, começa por se referir a diferentes tipos de estudos que se costumam fazer sobre o romanceiro, panorama que, ao contrário do que se poderia pensar, não é de modo algum massudo de ler, e, pelo contrário, tem partes polémicas e, quase diria, divertidas, como as páginas 24-26, dedicadas a algumas obras de um bem conhecido estudioso. A segunda e mais longa parte deste artigo é dedicada ao romance do *Infante Arnaldos*, que, como se sabe, não obstante as suas poucas versões orais, tem apaixonado muitos pesquisadores. No seu estudo, Cid integra este romance no grupo de outras baladas europeias, de diferentes países, sobre raptos marinhos, com piratas verdadeiros ou falsos que raptam donzelas. Da análise de todos esses textos, Cid conclui que as versões orais modernas permitem entender melhor o romance, transmitido de forma pouco clara pelas versões escritas do século XVI. Permito-me sublinhar os bons frutos (de que este artigo é exemplo) que costuma dar um estudo dos romances que não ignore as baladas das outras tradições europeias, evitando o bairrismo exclusivista de que, muitas vezes, padece o nosso campo de estudos.

Em “Algumas notas a propósito de ‘Processos de variação’ de Braulio do Nascimento”, Pere Ferré refere-se ao artigo do mesmo título daquele autor brasileiro, que tanta importância teve para abrir um campo de abordagem não historicista/filológica do romanceiro, como até ali, com raras exceções, se fizera. A abordagem aplicada por Nascimento, baseada no estruturalismo então vigente nos estudos literários, mostrou que o romanceiro podia ser estudado com diferentes metodologias, mais modernas, e que, portanto, os braços da erudição contemporânea e futura estavam abertos para ele.

Como atrás referi, o congresso foi dedicado à memória de Braulio do Nascimento e, além do referido texto de Pere Ferré, houve também uma intervenção da grande pesquisadora e professora brasileira Jerusa Pires Ferreira. Infelizmente, esta autora veio a falecer em 2019, não tendo podido enviar para as atas o seu texto, em que muito sentidamente evocara Braulio do Nascimento, que tão bem conhecera e de que fora amiga.

Em “Los romances de la *Colección de Folklore* (Argentina, 1921): un corpus a redescubrir”, Gloria Chicote faz a história da grande campanha de recolha que, na data referida, por iniciativa estatal e recorrendo aos professores de instrução primária de todo o país, permitiu reunir um ingente arquivo de textos da literatura oral argentina, entre os quais cerca de 500 versões de 30 romances diferentes. Infelizmente a grande maioria dos textos continua inédita e, tendo em conta as enormes transformações sofridas pela sociedade desde então, adquiriram um valor ainda maior do que já na época possuíam. Referir ainda que, aos nossos olhos de hoje, chama a atenção as ideias herderianas que subjazem a esta recolha, com a conceção de que, através dela, se conseguiria conhecer a alma da pátria, vista necessariamente como de origem espanhola. Por tal motivo, as recolhas de 1921 deixaram de lado a tradição dos povos não hispânicos que já tinham chegado (e continuavam a chegar) ao país como imigrantes, e cujas culturas eram vistas como modernidades desestabilizadoras da pureza primitiva nacional e, por isso, sem interesse de ser conservadas.

Ao nunca suficientemente elogiado *Pan-Hispanic Ballad Project* dedica a sua autora, Suzanne Petersen, o artigo “Algunas ampliaciones del Proyecto sobre el Romancero Pan-hispánico”, frisando algumas novidades e utilidades (por exemplo para o estudo do léxico

dos romances) recentemente adicionadas a essa tão prestimosa ferramenta, disponível *on-line* desde 1996 e em contínua atualização.

Tema semelhante é tratado por Sara Bellido Sánchez e Álvaro Piquero, que dedicam o seu artigo a “El Archivo Digital del Romancero: una herramienta para investigadores”, fazendo a apresentação da recente plataforma que tem como objetivo digitalizar e disponibilizar *on-line* (permitindo buscas de vários tipos) as versões atesouradas no arquivo do romancero pertencente à Fundação Ramón Menéndez Pidal, importantíssimo, como se sabe, para o estudo deste género oral.

“O romancero em África e na Ásia”, de José Luís Forneiro, é dedicado ao tema expresso no título, tendo em atenção as antigas colónias que Portugal ou Espanha possuíram nos referidos continentes. É um tema muito pouco estudado, sem dúvida pela pouca quantidade de versões ali recolhidas, as quais, de qualquer modo, não devem ser ignoradas pelos estudiosos.

Em “Cómo muere un romance. De la prosificación al cuento”, Ignacio Ceballos Viro estuda a dissolução da tradição romancística e o modo como certas versões, ao deixarem de ser cantadas pelos informantes, em vez de serem esquecidas e desaparecerem, se vão, a pouco e pouco, alterando e prosificando, até se tornarem quase contos. Sobre o mesmo tema, será sem dúvida de proveito para o leitor o conhecimento do importante estudo de Isabel Cardigos “Transformações e disfarce de *A Donzela Guerreira*”², que aborda a gradual prosificação de tal romance e a sua metamorfose em conto, inclusive, em alguns casos, um verdadeiro conto maravilhoso.

Dando um salto até ao fim das atas, refiro que aí se reúnem quatro importantes estudos sobre o *Cancioneiro de Antuérpia*, feitos tendo em mente a edição crítica desta obra, que está em curso. Os textos são os seguintes: “El corrector del *Cancionero de romances* de 1555”, por Josep Lluís Martos, “La *ratio typographica* del romancero impreso y el *Cancionero de romances*”, por Alejandro Higashi, “Las tradiciones textuales del *Cancionero de romances*”, por Mario Garvin, e “Fuentes manuscritas para una edición crítica del *Cancionero de romances sin año*”, por Virginie Dumanoir.

Para terminar, dizer apenas que, como (espero) mostra esta recensão, se é verdade que o romancero enquanto género oral vive provavelmente os seus últimos decénios, os estudos sobre ele continuam a gozar de grande vitalidade, tendo, além disso, surgido nos últimos anos novos estudiosos, que transportarão até ao futuro a chama de tais estudos.

² Cf. Cardigos, I. (2006). Transformações e disfarce de *A Donzela Guerreira*. Em I. F. Custódio, M. A. F. Galhoz e I. Cardigos (Eds.), *Património oral do concelho de Loulé*, vol. II: *Romances* (pp. 237-247). Loulé: Câmara Municipal.